



PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: O ADULTO DIANTE DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Yara Cristina Romano Silva¹

RESUMO: A psicomotricidade é uma ciência que tem por objeto o estudo do homem, através do seu corpo em movimento, nas relações com o seu mundo interno e externo. Falar em psicomotricidade é falar de globalidade, na medida em que este termo indica uma relação biunívoca: integrar os aspectos da atividade psíquica, com seus componentes afetivos e cognitivos, aos da motricidade. Segundo autores da Educação, da Psicomotricidade, da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicanálise, tais como Wallon (1989) Lapiere (1987), a primeira infância representa período determinante para o processo formativo da criança, no qual organiza estruturas emocionais, cognitivas e motoras (psicomotoras), determinantes dos modos de relação que estabelecerá com sua realidade externa e interna. Assim como os cuidados materiais, a higiene e a alimentação condicionam a saúde física, também a qualidade da relação estabelecida entre pais e educadores e a criança, nesses primeiros anos, condiciona e condicionará a saúde mental. Os transtornos psicológicos da criança pequena são, no mais das vezes, a expressão de dificuldades de ordem psicológica, de dificuldades nas relações com ela estabelecidas. Diante deste contexto, este estudo tem o objetivo de realizar uma revisão da literatura dos princípios teóricos e práticos da psicomotricidade relacional na educação e sua utilização no âmbito da Educação Infantil. Neste sentido, pretende-se com este trabalho, proporcionar aos pais e educadores a capacidade de analisar criticamente as práticas corporais presentes no cotidiano das creches, bem como suas implicações para o desenvolvimento psicomotor das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Psicomotricidade Relacional; Saúde mental; Educação.

INTRODUÇÃO

Embora saibamos que as técnicas disciplinares que focalizam a ação sobre o corpo remontam aos tempos da educação jesuítica, no Brasil, a Psicomotricidade tem sido objeto de estudos e intervenções por parte de profissionais das áreas da Educação, da Psicologia e da Reabilitação marcadamente, a partir do final dos anos de 1950. Sob influência da Psicologia Comportamental e das abordagens psicomotoras sistematizadas na França, sobretudo pelos estudos no campo da neuropsiquiatria infantil, este período inaugurou a presença da Psicomotricidade na escola e na clínica, seguindo um modelo biologicista e reabilitador que se denominou reeducação psicomotora. A partir de então, a Psicomotricidade, vem se configurando como uma área do conhecimento que busca superar as concepções biológicas e normativas da motricidade humana. Confirmando essas tendências, encontramos nos estatutos e publicações da Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, a seguinte conceituação: “Psicomotricidade é uma ciência que tem por

¹ Docente das áreas da Saúde e Ciências Humanas do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR). Maringá-PR. yararomano@cesumar.br

objeto o estudo do Homem, através do seu corpo em movimento, nas relações com o seu mundo interno e externo” (SBP, 1995). Segundo esta definição, falar de Psicomotricidade é falar de globalidade, na medida em que este termo indica uma intenção biunívoca: integrar os aspectos da atividade psíquica, com seus componentes afetivos e cognitivos, aos da motricidade. De acordo com a SBP (1995) unificar estas duas dimensões da existência humana (psíquica e motora) supõe entender o sujeito como uma unidade psicossomática indissociável; significa fazer um esforço para reencontrar a dimensão psíquica do corpo e a dimensão corporal do psiquismo. Sendo assim, os estudos sistematizados pela Psicomotricidade, historicamente, respondem às necessidades apresentadas pela área da Educação, sobretudo da Educação Infantil e séries iniciais, de encontrar caminhos que viabilizem a integração entre motricidade-afetividade-inteligência, seguindo as perspectivas apresentadas, particularmente, pela Psicologia do Desenvolvimento. Segundo Silva (2000, p.139) é preciso possibilitar a compreensão da Psicomotricidade enquanto prática social, instrumento de formação das habilidades e atitudes necessárias ao mundo do trabalho, ou seja, enquanto área do conhecimento que tem por objeto o corpo e o movimento humano em suas relações sociais e de produção.

Dentro deste propósito, além do objetivo de promover o conhecimento dos princípios teóricos e práticos que orientam as abordagens psicomotoras na Educação, este artigo procurou apreender sobre a Psicomotricidade Relacional e a sua utilização no âmbito da Educação Infantil, especificamente com crianças de zero a dois anos, apontando para pais e educadores sobre a necessidade de se tornarem mais conscientes da importância das primeiras relações não-verbais que estabelecem necessariamente com as crianças, e das quais dependerá todo o seu futuro psicológico. Pretende-se proporcionar aos pais e educadores a capacidade de analisar criticamente as práticas corporais presentes no cotidiano das casas e creches, bem como suas implicações para o desenvolvimento psicomotor das crianças.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva que busca o esclarecimento e melhor compreensão do tema abordado através de revisão bibliográfica de artigos científicos que abordam o presente assunto. Através desta pesquisa poderá ser verificada a opinião dos autores a cerca da psicomotricidade relacional e educação infantil, assim como uma comparação entre as opiniões favoráveis e contrárias dos autores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Qualquer que seja o ambiente, coletivo ou individual, uma criança é sempre uma criança, submetida às mesmas etapas de evolução psicológica e às mesmas dificuldades inerentes a esta evolução. Os pais e educadores precisam ficar mais conscientes da importância das primeiras comunicações, das relações não verbais que necessariamente estabelecem com as crianças, e das quais depende todo o futuro psicológico das mesmas. É a partir dessas primeiras experiências que a criança vai constituir, pouco a pouco – sem que ambos se apercebam -, a estrutura básica da sua personalidade, o seu modo pessoal de ser, de sentir, de agir e de reagir diante dos outros, diante dos objetos, diante do mundo que o rodeia. Assim como os cuidados materiais, a higiene e a alimentação condicionam a saúde física, também a qualidade da relação estabelecida entre pais/educadores e as crianças, nesses primeiros anos, condiciona e condicionará a saúde mental. Para Lapierre (1987), os transtornos psicológicos da criança pequena são, no mais das vezes, a expressão de dificuldades de ordem psicológica, de dificuldades na relação. Afirmam que, alimentação, excreção, sono, desenvolvimento motor, todos são

dependentes de fatores psicológicos, tanto ou mais que de fatores orgânicos. Já nos primeiros meses, e muito antes da linguagem, a criança é capaz de sentir os sentimentos dos pais e educadores para com ela, suas tensões afetivas, positivas ou negativas, até mesmo aquelas que não estão na esfera consciente para pais e educadores. Sobre isso, Lapierre (1987, p. 48) afirma “Ela [a criança] as sente através de seus corpos, de seus gestos, de sua maneira de carregá-lo, de tocá-lo, da tonalidade de sua voz. Ela responde, também com o corpo, os gestos, as tensões, os gritos, as mímicas”.

Assim se estabelece um diálogo que é de importância fundamental para a criança; é sua primeira comunicação, sua primeira relação. Irá esquecê-la, é claro, mas guardará profundamente gravado em si, como modelo de referência inconsciente para todas as relações futuras. Segundo os autores supracitados, afirmam que quanto menos consciente a criança for de suas primeiras comunicações e relações, mais será dependente dela. Pais e educadores não dominam inteiramente esse diálogo, pois eles também dependem em parte de seus próprios inconscientes, entretanto, poderão dominá-lo melhor se conhecerem as necessidades afetivas, as necessidades psicológicas da criança em cada etapa de sua evolução. Queremos refletir sobre a necessidade de políticas preventivas na área da saúde mental, iniciando pela educação que se oferece nas creches onde são estabelecidas também as primeiras relações e comunicações com a criança, pois, na atualidade, muitos educadores passam a ser “substitutos das mães”, em função de sua ausência para o trabalho. Temos que alertar também sobre a necessidade desses estabelecimentos sociais que são também locais de educação tenha a preocupação quanto à formação de profissionais conscientes e responsáveis com a prática da relação psicomotora, a relação simbólica com as crianças, uma vez que essas crianças carregarão por toda vida a marca indelével da primeira infância.

4 CONCLUSÃO

Todos têm uma história pessoal determinada pelo inter-relacionamento com o meio e que fica perpetuada em nossa unidade psicossomática por meio de vivências tônicas que com o passar do tempo tornam-se crônicas e involuntárias. Através da atividade lúdica espontânea, a psicomotricidade relacional oferece a pais e educadores, um referencial teórico e prático importante para oferecer ao indivíduo (a criança), espaço e tempo adequados nos quais podem expressar suas dificuldades relacionais objetivando oferecer-lhe a possibilidade de reencontrar e reconstruir a relação com o “outro”, fato que vai repercutir diretamente na sua história pessoal. Trabalhar um ponto de vista relacional certamente implica em uma revisão, não somente da proposta pedagógica das creches, mas também uma revisão das atitudes das atendentes e de toda equipe de funcionários envolvidos no processo de desenvolvimento infantil, sobre a postura adotada diante das crianças. O objetivo último é ajudar as pessoas a serem mais harmônicas e seguras, conseguindo-se isto através da arte de se movimentar. O autoconhecimento da criança se desenvolve através da consciência do espaço e do corpo. Então ela constrói uma autoimagem positiva. Uma pessoa confiante tem coragem de entrar em contato com a outra e cria-se desse modo, novas relações interpessoais. Sherborne (apud KLINTA, 2001) escreveu que depois de 30 dias de trabalho com crianças, ela se convenceu que todas as crianças têm duas necessidades básicas: “Elas precisam se sentir seguras em seu próprio corpo, para poderem criar sua identidade e precisam criar relações com outras pessoas”. E complementa, para que ocorra a aprendizagem é necessário existir um meio seguro, permissivo e alegre, que por sua vez, ofereça condições de aprendizagem. “Um professor insensível ou um clima de insegurança na classe cria um meio inseguro”.

Para concluir, Platão, filósofo grego, afirma que nós não aprendemos sob força ou sofrimento, mas, sim, sob uma forma brincalhona e cheia de alegria.

REFERÊNCIAS

KLINTA, Cia. **Autoconfiança, comunicação e alegria do movimento através dos movimentos Sherborne** – “Relation Play”; tradução Vera O. Juhlin. São José dos Campos, SP: Univap, 2001.

LAPIERRE, André; LAPIERRE, Anne. **O adulto diante da criança**. São Paulo: Manole, 1987.

SILVA, Daniel Vieira da. **Psicomotricidade e práticas sociais**. Curitiba, 2000. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE (SBP). Disponível em: <www.psicomotricidade.com.br>. Acesso em setembro de 2010.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.